

# **Aportes teóricos de ruy mauro marini para as ciências sociais hoje.**

Gil Felix.

Cita:

Gil Felix (2019). *Aportes teóricos de ruy mauro marini para as ciências sociais hoje. XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-030/1397>



## Aportes teóricos de Ruy Mauro Marini para as ciências sociais hoje <sup>1</sup>

Gil Felix

### Resumen

Essa comunicação sistematiza investigação a respeito do legado teórico de Ruy Mauro Marini (1932-1997) para as ciências sociais contemporâneas e, em particular, para a teoria social latino-americana. Em uma quadra histórica na qual as condições de vida e trabalho se deterioraram no âmbito da chamada acumulação flexível do capital, após as crises mundiais no sistema capitalista da década de 1970 e, em seguida, de 2008, algumas concepções que foram elaboradas originalmente a partir da reflexão a respeito das formações sociais latino-americanas no século XX têm influenciado novas releituras em diversos centros de pesquisa sociológica no mundo. Dentre essas, em especial, algumas teses formuladas por Ruy Mauro Marini. Nesse sentido, analiso: 1) a démarche analítica do autor, a partir de Marx, frisando sua leitura da crítica da economia política epistemologicamente atenta e rigorosa no que se refere à esfera da circulação no modo de produção capitalista; 2) as implicações da mesma para a compreensão das especificidades das formações latino-americanas e da dependência, assim como para a compreensão da divisão internacional do trabalho pós-“globalização”; 3) as implicações dessa démarche para uma compreensão teórica não-eurocêntrica das transformações recentes no mundo do trabalho e da condição proletária que advém dessas transformações. Em conclusão, apresento algumas considerações sobre a crítica de Marini às ideologias latino-americanas do desenvolvimento e a possíveis desdobramentos mundiais da mesma face ao processo histórico ocorrido nas últimas décadas.

### Palavras-chave

Ruy Mauro Marini; mundo do trabalho; classe trabalhadora; desenvolvimento; teoria social.

As transformações do mundo do trabalho, em especial, após a crise capitalista mundial dos anos 1970 e, mais recentemente, após a crise de 2008 instauraram processos importantes de mudança nas formações sociais centrais e dependentes. A observação de um processo de precarização do trabalho cada vez mais generalizado em todo o mundo confundiu e complexificou ambas, inaugurando um período de reanálise das teorias formuladas ao longo do século XX.



As mudanças no que outrora era associado a uma condição operária “estável” e “fixa”, em especial, que teria caracterizado fração considerável das economias centrais, vem motivando novas propostas teóricas para os estudos do trabalho. A erosão de uma condição operária anteriormente associada ao pacto fordista, por exemplo, motivou abordagens a respeito de um “retorno da superexploração”, da crise da “sociedade salarial” ou, mais recentemente, da emergência de uma “nova classe social” que estaria se mundializando.

Contudo, até que ponto seria possível considerar tais processos em termos mundiais? Até que ponto tais processos implicam mudanças nas formações sociais periféricas do capitalismo onde um imenso exército de reserva e condições precárias de trabalho e subsistência não são novidade para grandes contingentes de trabalhadores (Cf. Felix, 2017)? Até que ponto tais transformações não estão sendo pensadas apenas a partir das formações centrais do capitalismo, tendo como parâmetro, por exemplo, os efeitos do desmonte do Estado de Bem-Estar Social? O que implica, nesse caso, pensar ao revés, isto é, notar tais transformações na classe trabalhadora mundial a partir de uma mirada teórica latino-americana?

Nos países dependentes, em que, quando observada, tal condição operária pretérita abarcava apenas uma fração estatisticamente minoritária do próprio conjunto do proletariado, o processo de transformações colocadas pelo advento da acumulação flexível do capital também vem sendo analisado, mas sob outros matizes. Porém, devido a um enviesamento ideológico burguês, fruto de uma determinada mitologia da história apologética do desenvolvimento do capitalismo, as formações sociais dependentes durante grande parte do século XX tiveram menor importância teórica, tendo suas especificidades pensadas quase sempre como resquícios de uma história universal em superação e/ou em extinção, no rumo do que já se teria superado nos países centrais e, portanto, do que mais cedo ou mais tarde iria se superar nas periferias também.

Hoje, qualquer desconhecimento empírico e, por conseguinte, menosprezo teórico dessas formações sociais, ou seja, qualquer esquema teórico que não leve em conta a totalidade das transformações no mundo do trabalho tem reduzidíssimo alcance para a explicação das suas próprias paróquias (Cf. Felix, 2019). E, nesse sentido, o que anteriormente se apresentava com pouca importância empírica e teórica talvez hoje seja um ponto de referência com cada vez melhor perspectiva e maior poder explicativo para a observação dos processos sociais concretos mundiais que estão em curso.



Epistemologias comprometidas com perspectivas de superação da condição dependente por meio da introdução de maior produtividade capitalista do trabalho perderam poder explicativo frente ao quadro das condições de vida e trabalho dos trabalhadores apresentado nos países dependentes que se industrializam em pleno século XXI ou que se industrializaram ao longo do século XX. E, da mesma forma, teleologias baseadas em estudos que privilegiam analiticamente o capitalismo avançado de maneira desconexa e/ou atemporânea das formações dependentes também ficam cada vez mais esvaziadas diante do quadro de descenso das condições de vida e trabalho nos próprios países imperialistas. Atualmente, para aqueles que tomaram essa perspectiva, o sentido da modernidade, portanto, aparenta estar invertido, mais nas "margens" do que no "centro" do capitalismo.

Nesse sentido, dado um quadro de deterioração, fragmentação ou mesmo degradação das condições de vida e trabalho dos trabalhadores nas últimas décadas, alguns autores têm se voltado para teorias outrora pensadas no âmbito das ciências sociais latino-americanas, que, particularmente a partir dos anos 1960, juntos aos partidos e movimentos revolucionários, propuseram interpretações originais para a compreensão das formações sociais dos seus próprios países de forma crítica a epistemologias dogmáticas, eurocêntricas e/ou não-sistêmicas do capitalismo mundial, como foi o caso daqueles que se afiliaram ao debate da dependência e, em particular, do brasileiro Ruy Mauro Marini (1932-1997)<sup>2</sup>.

Há, nesse sentido, um crescente interesse de pesquisadores situados nos países centrais sobre sua obra e um relativo (re)descobrimto de novas gerações de pesquisadores em países como Brasil e Argentina a fim de resgatar e de debater o legado desse autor.

Contudo, para além de um debate incontornável a respeito do seu quadro teórico e de uma releitura rigorosa dos conceitos formulados por ele, nessa comunicação, gostaria de salientar a necessidade de uma revisita a algumas das premissas metodológicas presentes nos principais textos de Ruy Mauro Marini. E, a partir das mesmas, gostaria de sustentar que as mesmas fundamentaram sua construção teórica que, dentro de uma tradição materialista marxista, estava plasmada sobretudo para o devido entendimento da formação social latino-americana e também, por conseguinte, para as implicações políticas colocadas para sua superação emancipatória.

A nosso entender, em primeiro lugar, junto a outros pensadores heréticos no campo do marxismo e do socialismo revolucionário latino-americano e não-ocidental, cabe frisar a



démarche metodológica de Marini. A partir de uma leitura da crítica da economia política de Marx epistemologicamente atenta e rigorosa no que se refere à esfera da circulação no modo de produção capitalista, tendo como objeto o processo histórico da formação social latino-americana, Marini se referencia fundamentalmente na premissa da unidade dialética da produção e da circulação.

Essa démarche está presente em seus trabalhos, particularmente, a partir do período em que o autor se aprofunda nos estudos dos livros d'O Capital, na década de 1960, e pode ser observada nas suas teses a respeito dos fundamentos da dependência, assim como para a compreensão da divisão internacional do trabalho pós-“globalização”.

A implicação mais clara dessa premissa está na análise que demarca a especificidade das formações latino-americanas e da reprodução do ciclo do capital nas economias dependentes, compreendendo-as não como expressões atemporâneas do capitalismo forâneo, mas como coetâneas e sistêmicas em relação ao tempo histórico e ao modo de produção capitalista mundial. E, portanto, crítico das ideologias de viés desenvolvimentista que, por exemplo, na América Latina, importavam um modelo narrativo eurocêntrico da formação histórica dos países centrais ou avançado e que, hoje, é de pleno conhecimento de que estava equivocado tanto para a compreensão dos processos históricos da formação latino-americana, africana e asiática, quanto, inclusive, para a compreensão dos processos históricos dos próprios países centrais que se tomava por objeto generalizante.

A desconstrução científica dessas teses foi possível, justamente, quando Marini, por exemplo, em *Dialética de la dependencia* e em seus escritos do mesmo período, dimensionou teoricamente com propriedade a esfera da circulação e, historicamente, a onipresença do mercado mundial:

*“Es por lo que, más que un precapitalismo, lo que se tiene es un capitalismo sui generis que sólo cobra sentido si lo contemplamos en la perspectiva del sistema en su conjunto, tanto a nivel nacional como, y principalmente, a nivel internacional.” (Marini, 1973).*

Outra implicação menos explícita dessa démarche, embora também claramente depreendida no quadro teórico do que o autor veio a denominar “teoria marxista da dependência”, é a indicação oposta às teses do fim da centralidade do trabalho na vida social que se apresentavam, em especial, a partir dos anos 1970 nos centros de pesquisa europeus e estadunidenses. Tais teses, ao contrário do que propunha Marini, por exemplo, baseavam-se em uma narrativa eurocêntrica que, hoje, também podem ser refutadas na medida em que se observa o “sistema em seu conjunto” e se leva em



conta essa sistematicidade para a compreensão da circulação do capital (com o aumento da produtividade nas indústrias das comunicações e dos transportes, por exemplo) e para a compreensão das transformações do mundo do trabalho como um todo, tanto nos países centrais, quanto nos dependentes.

Por conseguinte, uma terceira implicação dessa démarche por mim ressaltada está colocada para uma compreensão teórica não-eurocêntrica das transformações recentes no mundo do trabalho e da condição proletária contemporâneas que advém dessas transformações. Embora em estado preliminar e hipotético, em seus últimos escritos, Marini teria indicado pistas como:

*“(...) se generaliza a todo el sistema, incluso los centros avanzados, lo que era un rasgo distintivo —aunque no privativo— de la economía dependiente: la superexplotación generalizada del trabajo.*

*Su consecuencia —que era su causa— es la de hacer crecer la masa de trabajadores excedentes y agudizar su pauperización” (Marini, 1996).*

Não por acaso, atualmente, o conceito de superexploração do trabalho pelo qual Marini atribuiu especificidade estrutural ao capitalismo dependente tem centralidade para o entendimento do que se denomina trabalho precário e, de maneira mais ampla, para o entendimento dos processos de precarização da vida e do trabalho dos trabalhadores no século XXI (Cf., dentre outros, Sotelo, 2012; Smith, 2016; Felix, 2019; Guanais, 2019).

É nesse sentido que asserções como “retorno da superexploração” (no sentido de que estaria extinta e/ou em extinção etc), “fim da sociedade salarial” ou, ainda, tal como se propôs mais recentemente, “nova classe social”, representam um curioso eurocentrismo para aqueles que, a partir das formações dependentes ou periféricas, necessariamente, tiveram que apreender o sistema em seu conjunto para entender o que estruturalmente fundamentava o aparente “atraso” capitalista ou a composição socialmente “heterogênea” do proletariado:

*“(...) la superexplotación no corresponde a una supervivencia de modos primitivos de acumulación de capital, sino que es inherente a ésta y crece correlativamente al desarrollo de la fuerza productiva del trabajo; suponer lo contrario equivale a admitir que el capitalismo, a medida que se aproxima de su modelo puro, se convierte en un sistema cada vez menos explotativo y logra reunir las condiciones para solucionar indefinidamente sus contradicciones internas” (grifos do autor. Marini, 1973: 98).*



E é nesse sentido também que, a partir das premissas por mim brevemente ressaltadas no paper, o legado dos aportes de Marini, ao contrário do sentido que foi apontado pelos seus críticos nos anos 1970, seja, justamente, não só historicamente interessante, mas, sobretudo, teoricamente relevante hoje.

### Notas

1 Paper para o XXXII Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia, Lima, 01 a 06 de dezembro de 2019.

2 Para o leitor particularmente interessado sobre a vida e obra de Ruy Mauro Marini, sugerimos consultar a página eletrônica mantida na UNAM, disponível em: <http://www.mariniescritos.unam.mx>. Para uma abordagem a respeito do legado de sua obra, ver Guanais e Felix (2018) e Guanais e Felix (2019).

### Referências bibliográficas

- Bihar, A. (1998). Da grande noite à alternativa, São Paulo, Bolitempo.
- Bambirra, Vania. (1978). Teoría de la dependencia: una anticrítica. México: Era.
- Castel, R. (1998). As metamorfoses da questão social. Petrópolis: Vozes.
- Felix, Gil. (2017). "Sobre o conceito de exército industrial de reserva em Ruy Mauro Marini", Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política, n. 47, 104-128.
- Felix, Gil. (2018a). "Circulación y superexplotación del trabajo", Sociología del Trabajo, n. 92, 87-105.
- Felix, G. (2019). Mobilidade e superexploração do trabalho: o enigma da circulação, Rio de Janeiro, FAPESP/Lamparina.
- Felix, Gil; GUANAIS, Juliana (orgs.). (2018). Superexploração do trabalho no século XXI: debates contemporâneos. Marília, Brasil: Editora Práxis.
- Felix, Gil; GUANAIS, Juliana (coords.). (2019). Superexplotación del trabajo en el siglo XXI. Bremen: El Tiple.
- Guanais, Juliana. (2018). "Salario por pieza y superexplotación del trabajo", Sociología del Trabajo, n. 92, 63-86.
- Harvey, D. (2008). Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola.
- Marini, R. M. et al. (1979). "Economía Política III. El proceso de circulación del capital (Tercer semestre)", Facultad de Economía, Sistema de Universidad Abierta, Universidad Nacional Autónoma de México, 1979, Disponible en: <https://bit.ly/2ZfQU7U>. Consulta: 14 de Julio de 2017.
- Marini, Ruy Mauro. (1978). "Las razones del neodesarrollismo (resposta a Fernando Henrique Cardoso y José Serra)", Revista Mexicana de Sociología, Año XL/Vol. XL, Núm. Extraordinário (E), México, IIS-UNAM, 1978: 57-106.



Marini, Ruy Mauro. (1979). "El ciclo del capital en la economía dependiente". In: OSWALD, Úrsula. Mercado y dependência. Mexico: Editorial Nueva Imagen-INAH, pp. 37-55.

Marini, Ruy Mauro. (1996). "Proceso y tendencias de la globalización capitalista". In: Marini y Millán (coords.). La teoría social latinoamericana, vol. IV, Cuestiones contemporáneas, Mexico: Ediciones El Caballito, pp. 49-68.

Marini, Ruy Mauro. (1989). "Elementos para un balance histórico de treinta años de izquierda revolucionaria en América Latina". In: El Maestro en rojo y negro. Quito: Editorial ILEN, 2012.

Marini, Ruy Mauro, Adrián Sotelo y Arnulfo Arteaga. (1981). "El proceso de trabajo en México", Teoría y Política, n. 4, abril-junio 1981, pp. 59-74. Disponible en: [http://www.marini-escritos.unam.mx/322\\_proceso\\_trabajo.html](http://www.marini-escritos.unam.mx/322_proceso_trabajo.html).

Marini, Ruy Mauro. (1992). América Latina: dependência e integração. São Paulo: Editorial Brasil Urgente.

Marini, Ruy Mauro. (1973). Dialéctica de la dependência. México: Era.

Marini, Ruy Mauro. (1977). "La acumulación capitalista mundial y el subimperialismo", Cuadernos Políticos 12, abril-junio de 1977, pp. 21-39.

Marini, Ruy Mauro. (1993). "Prefácio". In: SOTELO. México: dependencia y modernización. México: Ediciones El Caballito.

Marini, Ruy Mauro. (1982). "Sobre el patrón de reproducción de capital en Chile", Cuadernos de CIDAMO, n. 7, 1982. Disponible en: [http://www.marini-escritos.unam.mx/061\\_reproduccion\\_capital\\_chile.html](http://www.marini-escritos.unam.mx/061_reproduccion_capital_chile.html)

Marini, Ruy Mauro. (1985). Subdesarrollo y revolución. Mexico: Siglo XXI, 1985.

Smith, John. (2016). Imperialism in the Twenty-First Century: Globalization, Super-Exploitation, and Capitalism's Final Crisis. New York: Monthly Review Press.

Sotelo Valencia, Adrián. (2012). Los rumbos del trabajo. Superexplotación y precariedad social en el Siglo XXI. Mexico: Miguel Ángel Porrúa-FCPySUNAM.

Standing, Guy. (2011). The precariat. London: Bloomsbury.